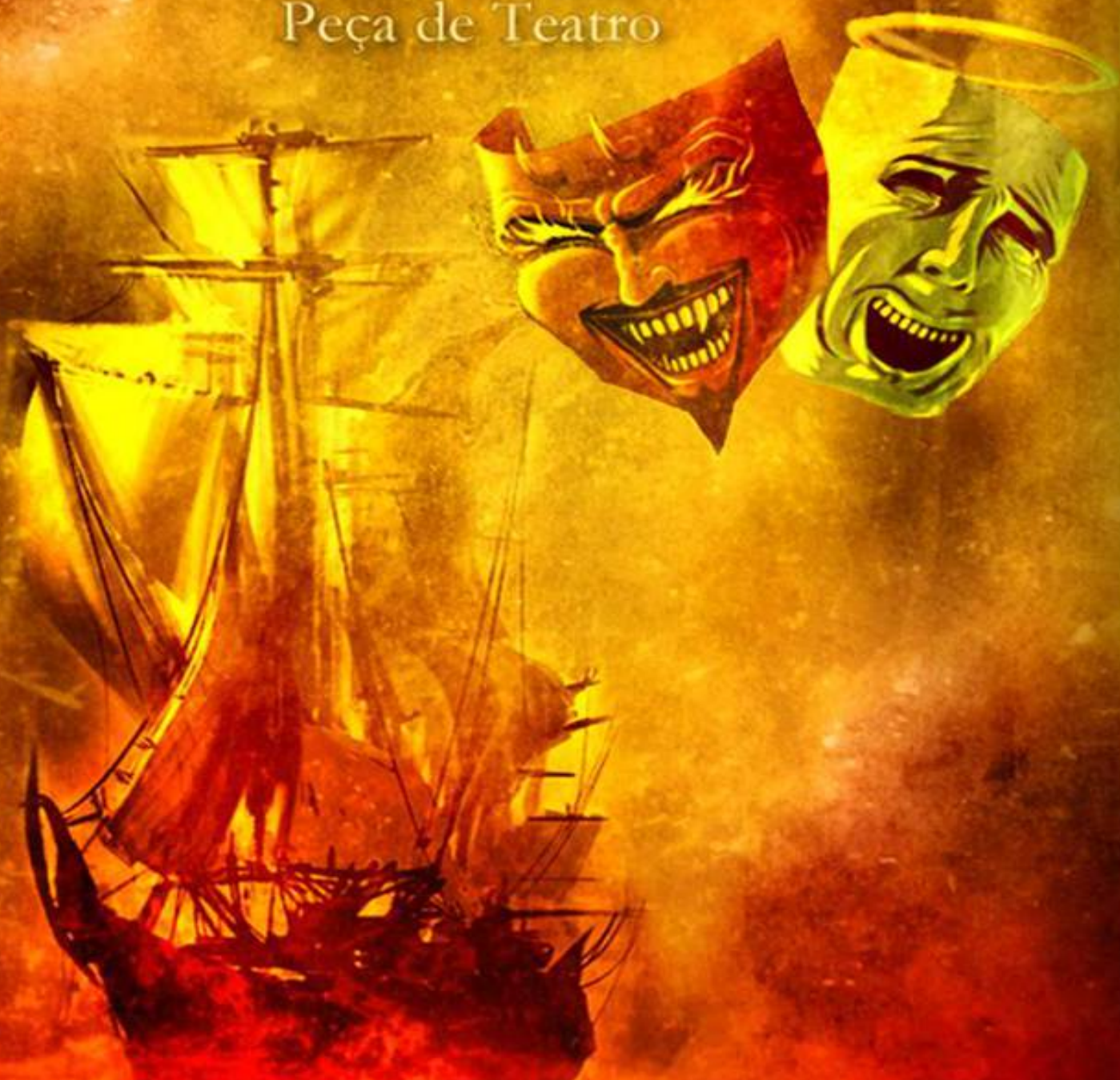
GIL VIGENTE

O AUTO DA BARCA DO INFERNO

Peça de Teatro

Anotações da Luso-Livros

AUTO DA BARCA DO INFERNO

GIL VICENTE

Obra anotada e atualizada para a grafia do português corrente

pela equipa da Luso-Livros

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

Auto de moralidade criado por Gil Vicente em dedicação à sereníssima e muito católica rainha Leonor, nossa senhora, e representado, por sua ordem, ao poderoso príncipe e muito alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra:

Primeiramente, no presente auto, pressupõem-se que, no momento em que acabamos de morrer, chegamos subitamente a um rio, o qual, por força, teremos de passar num dos dois batéis que estão atracados num porto. Um deles vai em direção ao paraíso e o outro para o inferno. Os tais batéis têm, cada um, os seus comandantes na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um comandante infernal e um companheiro.

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Pajem, que lhe segura um manto muito comprido com uma mão e uma cadeira de espaldas com a outra.

O comandante do Inferno começa o seu pregão mesmo antes do Fidalgo se aproximar.

DIABO

À barca, à barca, venham lá!

Que temos gentil maré!

– dirigindo-se ao companheiro –

Ora põe o barco à ré! *(vira a traseira do barco)*

COMPANHEIRO DO DIABO

Está feito, está feito!

DIABO

Bem feito está!

Vai agora, em má hora,

Esticar aquele palanco *(corda)*

E desocupar aquele banco,

Para a gente que virá.

– *falando para o ar* –

À barca, à barca, hu-u!

Depressinha, que se quer ir!

Oh, que tempo para partir,

Louvores a Belzebu!

– *dirigindo-se ao companheiro* –

Mas então! que fazes tu?

Limpa todo aquele leito! *(espaço entre o Mastro e a Popa do barco)*

COMPANHEIRO

Em boa hora! Feito, feito!

DIABO

Abaixa-me esse cu!

Liberta aquela poja *(corda com que se vira a vela)*

E afrouxa aquela driça. *(corda com que se levanta a vela)*

COMPANHEIRO

Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO

Oh, que caravela esta!

Põe bandeiras, que é festa.

Vela ao alto! Âncora a pique!

Ó poderoso Dom Henrique,

Cá vindes vós? Que coisa é essa?...

Aproxima-se o Fidalgo e, chegando ao barco infernal, diz:

FIDALGO

Esta barca para onde vai,

Que assim está apercebida? *(preparada)*

DIABO

Vai para a ilha perdida,

E há de partir daqui a nada.

FIDALGO

E para lá vai a senhora?

DIABO

Sou um senhor,

Ao vosso serviço.

FIDALGO

Parece-me isto um cortiço... *(uma embarcação reles)*

DIABO

Porque a vedes daí de fora.

FIDALGO

Pois sim, e por que terra passais?

DIABO

Para o inferno, senhor.

FIDALGO

Uma terra sem-sabor... (sem piada nenhuma)

DIABO

O quê?... Mas também disso zombais?

FIDALGO

E que passageiros achais

Para tal embarcação?

DIABO

Vejo-vos eu em feição,

Para ir no nosso cais…

FIDALGO

Parece-te a ti assim!...

DIABO

Em que esperas ter guarida? (salvação)

FIDALGO

Que deixo na outra vida,

Quem reze sempre por mim.

DIABO

Quem reze sempre por ti?!...

Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...

Tu que viveste a teu prazer,

Pensando cá guarnecer (salvares-te)

Por aqueles que lá rezam por ti?!...

Embarcai agora, embarcai!

Que haveis de ir nas traseiras

Mandai meter a cadeira,

Como também passou o vosso pai.

FIDALGO

O quê!? O quê!? O quê!?

É lá que ele está?!

DIABO

Vai ou vem! Embarcai depressa!

Pelo que em vida escolheste,

Assim cá vos contentais

E como pela morte passastes,

Tereis que passar o rio.

FIDALGO

Não há aqui outro navio?

DIABO

Não, senhor, que este preparaste,

E assim que expiraste *(morreste)*

Me deste logo sinal.

FIDALGO

E que sinal foi esse tal?

DIABO

De que vós vos contentastes. *(que estava condenado)*

FIDALGO

Para a outra barca me vou.

– Já ao pé da outra barca –

Oh da barca! Para onde ís?

Oh, barqueiros! Não me ouvis?

Respondei-me! Olá! Ó!...

– O Anjo ignora-o –

Por deus, aviado estou! *(perdido)*

Quanto a isto é já pior...

Que jericocins, salvanor! *(Mas que burro, com o devido respeito)*

Pensam que eu sou um grou? *(um corvo, ou uma ave que diz coisas sem sentido)*

ANJO

Que quereis?

FIDALGO

Que me digais,

Pois morri tão sem aviso,

Se a barca do Paraíso

É esta em que navegais.

ANJO

Esta é. Que desejais?

FIDALGO

Que me deixeis embarcar.

Sou fidalgo de solar,

É bom que me recolhais.

ANJO

Não se embarca tirania,

Neste batel divinal.

FIDALGO

Não sei porque negais entrada

À minha senhoria...

ANJO

Para a vossa fantasia (vaidade)

Muito pequena é esta barca.

FIDALGO

Para senhor de bom nome,

Não há aqui mais cortesia?

Venha a prancha e atavio! *(a prancha e apetrechos para se subir para o barco)*

Levai-me desta ribeira!

ANJO

Não vindes cá a pensar

De entrar neste navio.

Aquele ali vai mais vazio.

Ali a cadeira entrará,

O rabo caberá

E todo vosso senhorio.

Ireis ali mais espaçoso,

Vossa fumosa senhoria, *(arrogante)*

A pensar na vossa tirania

Contra o pobre povo queixoso.

E porque, de generoso,

Desprezaste os pequenos,

Achar-vos-ei tanto menos (*)

Quanto mais foste fumoso. *(arrogante)*

[(*) Quer o Anjo dizer com isto que quer que o Fidalgo reflita e perceba que quanto mais ele era arrogante e mau, mais ele perdia o valor da sua própria pessoa]

– Grita o Diabo da sua barca –

DIABO

À barca, à barca, senhores!

Oh! que maré tão de prata!

Um ventozinho que mata

E valentes remadores!

– Diz a cantar: –

"Vós me vireis à mão,

À mão me vireis.”

FIDALGO

Para o Inferno, então!

O inferno será para mim?

Oh triste! Enquanto vivi

Não pensei que seria:

Pensei que era fantasia!

Pensava ser adorado,

Confiei no meu estado

E não vi que me perdia.

Venha essa prancha!

Veremos esta barca de tristura. *(tristeza)*

DIABO

Embarque vossa doçura,

Que cá nos entenderemos...

Tomareis um par de remos,

Veremos como remais,

E, chegando ao nosso cais,

Verá como bem vos serviremos.

FIDALGO

Esperai-me vós aqui,

Voltarei à outra vida,

Para ver a minha dama querida,

Que se quer matar por mim.

DIABO

Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO

Isto bem certo o sei eu.

DIABO

Ó namorado sandeu, *(atraiçoado, cornudo)*

O maior que já vi!...

FIDALGO

Como poderá isso ser,

Ela que me escrevia todos os dias?

DIABO

Quantas mentiras que lias!

E tu... doido de prazer!...

FIDALGO

Para que está a escarnecer,

Se não havia quem me quisesse mais bem?

DIABO

Assim deverias viver, amém,

Como ela te havia de querer! (*)

[(*) O Diabo goza com o Fidalgo, dizendo-lhe que ele deveria viver tanto quanto a namorada o amava, ou seja, nem mais um segundo de vida.]

FIDALGO

Isso quanto ao que eu conheço...

DIABO

Pois estando tu a morrer,

Estava ela a requebrar-se, *(a ter relações sexuais)*

Com outro de menos preço.

FIDALGO

Dá-me licença, te peço,

Que vá ver a minha mulher.

DIABO

E ela, se te voltar a ver,

Despenhar-se-á de um cabeço!

Tudo quanto ela hoje rezou,

Entre os seus gritos e gritas,

Foi a dar graças infinitas

A quem a desassombrou. *(a libertou)*

FIDALGO

Quanto ela bem chorou!

DIABO

E não há choro de alegria?

FIDALGO

E as lástimas que dizia?

DIABO

A sua mãe lhas ensinou...

Entrai, meu senhor, entrai:

Aqui está a prancha! Ponha o pé...

FIDALGO

Entremos, pois se assim é.

DIABO

Ora, senhor, descansai, passeai e suspirai.

Que entretanto virá mais gente.

FIDALGO

Ó barca, como és ardente!

Maldito quem em ti vai!

– Diz o Diabo ao rapaz da cadeira: –

DIABO

Tu não entras cá! Vai-te daqui!

Essa cadeira está cá a mais!

Coisa que esteve na igreja

Não se há de embarcar aqui.

Aqui dar-lhe-ão outras de marfim,

Mais chicotadas de dores,

Dadas com tais lavores,

Que ficará fora de si...

– Falando novamente para o ar –

À barca, à barca, boa gente,

Que queremos dar à vela!

É chegar a ela! É chegar a ela! *(Aproximai-vos, aproximai-vos)*

Muitos e de boa mente!

Oh! que barca tão valente!

Aparece um Onzeneiro, (*) e pergunta ao barqueiro do Inferno, dizendo:

[(*) Indivíduo que vive a emprestar dinheiro aos outros e a cobrar depois juros altos. Eram os banqueiros da altura.]

ONZENEIRO

Para onde navegais?

DIABO

Oh! Em que má hora chegais,

Onzeneiro, meu parente!

Porque tardastes vós tanto?

ONZENEIRO

Mais ainda eu quisera tardar...

Na safra do apanhar, *(Na tarefa de ganhar dinheiro)*

Deu-me Saturno(*) o quebranto. *(a morte)*

[(*)Saturno era o deus romano do Tempo.]

DIABO

Ora muito me espanto por ver

Não vos salvar o dinheiro!...

ONZENEIRO

Nem para o barqueiro

Me deixaram ficar com algo...(*)

[(*) O Onzeneiro refere-se novamente às mitologia grega, segundo a qual os mortos teriam que atravessar o rio Aqueronte, pagando uma moeda ao

barqueiro, de nome Caronte, pela passagem. Queixa-se ele de que não o deixaram levar nenhum do seu dinheiro consigo, quando morreu, nem para pagar ao tal barqueiro da lenda.]

DIABO

Ora então entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO

Não hei eu de aí embarcar!

DIABO

Oh! Que gentil recear,

E que divertido para mim!...

ONZENEIRO

Ainda agora faleci!

Deixa-me escolher um batel!

DIABO

Oh São Pimentel!

Porque não irás aqui?...

ONZENEIRO

E para onde é a viagem?

DIABO

É para onde tu hás de ir.

ONZENEIRO

E vamos já partir?

DIABO

Não penses em mais linguagem. *(Deixa-te de mais conversas)*

ONZENEIRO

Mas para onde é a passagem?

DIABO

Para a infernal comarca.

ONZENEIRO

Dix! Não vou eu em tal barca. *(uma interjeição de espanto)*

Aquela outra tem avantagem *(melhor aspeto)*

Dirige-se à barca do Anjo, e diz:

ONZENEIRO

Oh da barca! Olá! Ó!

Haveis já de partir?

ANJO

E onde queres tu ir?

ONZENEIRO

Eu, para o Paraíso vou.

ANJO

Pois quanto a mim, muito fora estou (não contes comigo)

De te levar para lá

Aquela outra barca te aceitará;

Ali vai quem enganou!

ONZENEIRO

Porquê?

ANJO

Porque esse bolsão

Ocuparia todo o navio.

ONZENEIRO

Juro a Deus que vai vazio!

ANJO

Não no teu coração.

ONZENEIRO

Lá me ficou de roldão *(perdida)*

A minha fazenda e alheia *(riqueza)*

ANJO

Ó onzena, como és feia *(ozena = usura, avareza)*

E filha da maldição!

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

ONZENEIRO

Oh da barca! Oh Demo barqueiro!

Sabeis vós no que me fundo? *(penso)*

Quero lá voltar ao mundo

E trazer o meu dinheiro.

Aquele outro marinheiro,

Porque me viu vir sem nada,

Deu-me tanta borregada, (insultos)

Como os barqueiros lá do Barreiro.

DIABO

Entra, entra! E remarás!

Não percamos mais a maré!

ONZENEIRO

Todavia...

DIABO

Por força assim é!

Como fizeste, cá entrarás!

Irás servir Satanás,

Porque sempre ele te ajudou.

ONZENEIRO

Oh triste de mim...

Quem me cegou?

DIABO

Cala-te que depois chorarás.

Ao entrar o Onzeneiro no batel, encontra o Fidalgo embarcado e diz tirando o barrete:

ONZENEIRO

Santa Joana de Valdês!

Também está cá vossa senhoria?

FIDALGO

Dê ao demo a cortesia!

DIABO

Que ouvi? Falai vós em ser cortês!

Vós, fidalgo, que penseis?

Que estais na vossa pousada?

Dar-vos-ei tanta pancada

Como a um remo que renegueis!

Vem Joane, o Parvo, e diz ao barqueiro do Inferno:

PARVO

Oh desta!

DIABO

Quem é?

PARVO

Eu sou.

É esta a nossa naviarra?

DIABO

De quem?

PARVO

Dos tolos.

DIABO

Ah! Vossa. Entra!

PARVO

De pulo ou de voo?

Oh! Pelo pesar do meu avô! *(dor, choro)*

Resumindo: Vim a adoecer

E em má hora fui morrer,

E nela, para mim só. *(E numa altura em que estava só)*

DIABO

E de que morreste?

PARVO

De quê?

Acho que de caganeira.

DIABO

De quê!?

PARVO

De caga merdeira!

Que má rabugem que te dê! *(um insulto)*

DIABO

Entra! Põe aqui o pé!

PARVO

Ó pá! Que não tombe o zambuco!(*) *(a barcaça.)*

[(*) Expressão do Parvo que quer dizer que o Diabo está a apressá-lo. Ou seja, "com tanta pressa, não vá a barcaça vira-se]

DIABO

Entra, tolo eunuco,

Que nos vai embora a maré!

PARVO

Aguardai, aguardai um pouco!

E aonde havemos nós de ir ter?

DIABO

Ao porto de Lucifer.

PARVO

Ha-a-a...?

DIABO

Ao Inferno! Entra cá!

PARVO

Ao Inferno?... Espera lá....

Ui! Ui! É a Barca do cornudo!!!

Pêro de Vinagre! Beiçudo,

Lenhador de Alverca, uh, uh!

SAPATEIRO da Candosa!

Entrecosto de carrapato!

Ui! Ui! Caga no sapato,

Filho de uma grande aleivosa! *(prostituta)*

A tua mulher é tinhosa

E há de parir um sapo,

Achatado num guardanapo!

Neto de uma cagosa!

Ladrão de cebolas! Ui! Ui!

Excomungado das igrejas!

Burrelas, cornudo sejas!

Toma o pão que te caiu!(*)

A mulher que te fugiu,

Para Ilha da Madeira!

[(*) toma aquilo que mereces]

Cornudo até à mangueira,

Toma o pão que te caiu!

Uh! Uh! Lanço-te uma pulha! (um manguito)

Toma, toma! Pica naquela!

Hump! Hump! Caga na vela!

Cabeça de grulha!

Perna de cigarra velha,

Caganita de coelha,

Pelourinho da Pampulha!

Mija na agulha, mija na agulha!

Chega o Parvo ao batel do Anjo diz:

PARVO

Oh da barca!

ANJO

Que me queres?

PARVO

Queres-me passar além?

ANJO

Quem és tu?

PARVO

Talvez alguém.

ANJO

Tu passarás, se quiseres;

Porque em todas os teus afazeres,

Por malícia não erraste.

Da tua simpleza te bastastes,

Para gozar dos prazeres.

Espera no entanto aí,

Veremos se vem mais alguém,

Merecedor de tal bem,

Que deva entrar aqui.

Vem Sapateiro com o seu avental e carregado de formas de sapatos. Chega ao batel infernal, e diz:

SAPATEIRO

Ó da barca!

DIABO

Quem vem aí?

Oh! Santo sapateiro honrado,

Como vens tão carregado!...

SAPATEIRO

Mandaram-me vir assim... (*)

E para onde é a viagem?

[(*) Os objetos que as personagem carregam representam os pecados que cometeram em vida.]

DIABO

Para o lago dos danados.

SAPATEIRO

E os que morrem confessados,

Onde têm a sua passagem?

DIABO

Não digas tais linguagem!

Esta é a tua barca, esta!

SAPATEIRO

Renegaria eu da festa,(*)

E da puta dessa barcagem!

Como poderá isso ser,

Sendo eu confessado e comungado?!...

[(*) Expressão que dizer, “não quero esse convite para nada, mesmo que fosse para uma festa”]

DIABO

Tu morreste excomungado!

Mesmo sem o saberes.

O que esperavas depois de viver,

Fazendo dois mil engano...

Tu roubaste em trinta anos,

O povo com a tua mestria. *(com o teu oficio)*

Embarca, esta barca é para ti,

Que há já muito que te espero!

SAPATEIRO

Pois digo-te que não quero!

DIABO

Mas hás de ir, sim, sim!

SAPATEIRO

Quantas missas eu ouvi...

Não me hão elas de agora prestar? *(valer)*

DIABO

Ouvir missa, depois roubar...

É caminho para aqui.

SAPATEIRO

E as ofertas que servirão? *(as esmolas)*

E as horas dos finados? *(as rezas e os velórios que se faziam quando alguém estava a morrer para essa pessoa ir para o céu)*

DIABO

E os dinheiros mal cobrados,

Que foi da tua satisfação?

SAPATEIRO

Oh! Não brinques oh cordovão! *(mentiroso)*

Nem à puta da badana, *(da velha, ou seja, da tua mãe ou da tua avó)*

Se é esta traquitana

Para ir o João Antão!

Ora juro a Deus que mete graça!

Dirige-se à barca do Anjo, e diz:

SAPATEIRO

Oh da santa caravela!

Poderás levar-me nela?

ANJO

A tua carga te embaraça.

SAPATEIRO

Não há caridade que Deus me faça?

Isto em qualquer lugar irá?

ANJO

Aquela barca que ali está

Leva quem rouba de praça. *(descaradamente)*

Oh almas embaraçadas! *(desavergonhadas)*

SAPATEIRO

Ora muito eu me maravilho, *(me espanto)*

Por terdes por grão peguilho, *(por incómodo)*

Quatro forminhas cagadas, (*)

Que podem bem ir aí aconchegadas

Aí num cantinho dessa barca!

[(*)"umas coisas insignificantes", referindo-se à formas dos sapatos que trazia consigo, ou seja, os seus pecados.]

ANJO

Se tivesses vivido direito,

Elas eram cá escusadas. (*)

[(*) Diz o Anjo, que se o Sapateiro vivido com retidão, não trazia agora nada carregado consigo]

SAPATEIRO

Então determinais,

Que eu vá cozer ao Inferno?

ANJO

Escrito estás no caderno

Das ementas infernais.

O sapateiro volta à barca dos danados, e diz:

SAPATEIRO

Oh barqueiros! Que aguardais?

Vamos, venha prancha logo

E levai-me àquele fogo!

Não nos detenhamos mais!

Vem um Frade com uma rapariga pela mão, um escudo e uma espada na outra e um capacete debaixo do capuz. E ele mesmo fazendo uma vénia, começa a dançar, cantando:

FRADE

Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;

ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã:

tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

DIABO

Que é isso, padre?! Quem vem lá?

FRADE

Deo gratias! Sou cortesão. (*)

[(*)Graças a Deus! Sou homem da corte. De todos os personagens usados por Gil Vicente nesta peça, o Frade é o mais criticado. Certamente era o que mais

fazia rir ao público da época, pois era em si gozado por todas as camadas sociais.]

DIABO

Sabes também o tordião?(*)

[(*)Canto que uma pessoa trauteia quando faz uma dança improvisada. Também pode significar um tipo de dança feita sem ordem nem compasso certo.]

FRADE

Pois então! Ora, se não sei!

DIABO

Pois entrai! Eu tocarei

E faremos um serão. *(uma festa)*

Essa dama, é vossa?

FRADE

Por minha, eu a tenho,

E sempre a tive como minha.

DIABO

Fizestes bem, que é formosa!

Mas não vos punham lá grossa (censuravam)

No vosso convento santo?

FRADE

Eles lá fazem outro tanto!(*)

[(*)Diz o Frade perante a admiração do Diabo de que os outros frades também tinham amantes como a dele.]

DIABO

Que coisa tão preciosa...

Entrai, padre reverendo!

FRADE

E para onde levais a gente?

DIABO

Para aquele fogo ardente,

Que não temestes vivendo.

FRADE

Juro a Deus que não te entendo!

E este hábito, de nada vale? *(as veste religiosas)*

DIABO

Gentil padre mundanal,

A Belzebu vos encomendo!

FRADE

Corpo de Deus consagrado!

Pela fé de Jesus Cristo,

Que eu não posso entender isto!

Hei de eu ser condenado?!...

Um padre tão enamorado

E tanto dado à virtude?

Assim Deus me dê saúde,

Que eu estou muito admirado!

DIABO

Não penses em mais detença. *(demora)*

Embarcai e partiremos:

Tomareis um par de ramos.

FRADE

Não ficou isso em avença. (em acordo)

DIABO

Pois dada está já a sentença!

FRADE

Por Deus! Essa é que era ela!

Não vai em tal caravela

A minha senhora Florença.

Como assim? Só por ser namorado,

E folgar com uma mulher,

Há de um frade de se perder,

Com tanto salmo rezado?!...

DIABO

Ora estás bem aviado! (*)

[(*) "Estás bem aviado", ou por outras palavras "estás bem servido" é uma expressão que quer dizer que essa determinada pessoa está numa má situação]

FRADE

Direi eu, bem corrigido!

DIABO

Devoto padre marido,

Haveis de cá pingado... *(haveis cá lugar guardado)*

O Frade descobre a cabeça, tirando o capuz, apareceu-lhe o capacete (*), e diz o Frade:

[(*)]Muitas ordem religiosas da idade média foram fundadas por monges guerreiros. Os monges guerreiros, por exemplo, das ordens militares do Templo, dos Hospitalários, de Calatrava (mais tarde Ordem de Avis) e de Santiago de Espada desempenharam um papel muito importante nas lutas das Cruzadas.]

FRADE

Mantenha Deus esta coroa!

DIABO

Ó padre Frei Capacete!

Isso mais parece um barrete...

FRADE

Sabeis é da ordem!

A espada é roloa (*) *(ordinária)*

E este escudo rolão *(reles)*

[(*) Advém de "ralé", algo que é comum]

DIABO

Dê Vossa Reverencia lição

De esgrima, que é coisa boa!

Começou o frade a dar lição de esgrima com a espada e o escudo e diz desta maneira:

FRADE

Deo gratias! Damos caçada!

Para sempre, contra uns!

Um fendente!(*), ora pois!

[(*) Golpe de esgrima normalmente feito de cima para baixo com o punho]

Esta é a primeira levada. *(o primeiro ataque)*

Alto! Levantai a espada!

Uma estocada, e um revés!

E depressa recolher os pés,

Que todo o cuidado é pouco!

Quando o recolher se tarda

O ferir não é prudente.

Ora, então! Muito depressa,

Cortai na segunda guarda!

Guarde-me Deus da espingarda(*)

[(*) Entende-se por aqui por "espingarda" um tipo de arma como um "mosquete" ou a uma "besta" que existiam no seculo XVI. Não a conceção de espingarda que surgiu um século depois]

E do homem ousado.

Aqui estou tão bem guardado

Como uma palha na albarda. *(a sela dos cavalos)*

Fico com meia espada...

Óh lá! Protegei as queixadas! *(as caras)*

DIABO

Oh que valentes levadas! *(ataques)*

FRADE

Isto ainda não é nada...

Damos outra vez caçada!

Contra uns mais um fendente,

E, cortando com destreza,

Eis aqui a sexto feitada. *(golpe)*

Daqui saio com uma guia *(reviravolta)*

E um revés da primeira:

Esta é o quinta verdadeira.

Oh! Quantos assim eu feria!...

Um padre que tal aprendia,

No Inferno há de ter pingos?!... *(lugar)*

Ah! Não se preza a São Domingos

Com tanta descortesia!

– *Voltou a tomar a rapariga pela mão, dizendo:* –

Vamos à barca da Glória!

Começou o Frade a fazer o tordião e foram os dois a dançar até o batel do Anjo desta maneira:

FRADE

Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;

rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.

Huhá!

Deo gratias! Há lugar cá

Para minha reverência?

E a senhora Florença

Também entrará cá!

PARVO

Andor daqui para fora!

Roubaste o trinchão, frade?(*) *(pedaço de carne)*

[(*) referindo-se à rapariga que o frade trazia]

FRADE

Senhora, dá-me a vontade *(quer-me parecer)*

Que este feito mal está.

Vamos para onde havemos de ir!

Não se praza Deus com a ribeira!

E não vejo aqui maneira

Senão, enfim, ... concrudir. *(de aceitar as coisas têm de ser)*

DIABO

Haveis, padre, de vir.

FRADE

Agasalhai-me lá a Florença,

E cumpra-se essa sentença.

Apressemo-nos a partir.

Assim que o Frade foi embarcado, veio uma Alcoviteira (*), de nome Brízida Vaz, a qual, chegando à barca infernal, diz desta maneira:

[(*) Uma alcoviteira era uma mulher de má fama, ligada ao negócio da prostituição (do qual ela era gerente) e a tudo o que lhe estava ligado, ou também a negócios fraudulentos de crendices pagãs, como as mezinhas e remédios de cura. O povo tomava-as como feiticeiras]

BRÍZIDA

Ó da barca, ó lá!

DIABO

Quem chama?

BRÍZIDA

BrízidaVaz.

DIABO

– *dirigindo-se ao companheiro* –

Mas o que espera ela, rapaz?

Porque não entra ela já?

COMPANHEIRO

Diz que não há de entrar cá

Sem a Joana de Valdês.(*)

[Jona de Valdês já tinha sido anteriormente mencionada pelo Onzeneiro. Devia ter sido uma personagem conhecida na época. Há quem aponte que poderia ter sido uma amante do Bispo de A. Valdês que tinha uma amante com a alcunha

de Lucrécia – não confundir com a infame Lucrécia Bórgia, filha do Papa Alexandre VI, a quem certamente o nome foi imitado]

DIABO

Entrai vós e remai.

BRÍZIDA

Eu não quero aí entrar.

DIABO

Que saboroso recear!

BRÍZIDA

Não é essa barca que eu cato. *(procuro)*

DIABO

Não trazes vós muitos fatos?

BRÍZIDA

O que me convém levar.

DIABO

E o que tens para embarcar?

BRÍZIDA

Seiscentos virgos postiços (*)

E três arcas de feitiços

Que não podem mais levar.

[(*) hímens postiços, usado pelas prostitutas para passarem por virgens]

Três armários de mentir,

E cinco cofres de enleios. *(seduções)*

E alguns furtos alheios,

Como joias de vestir,

Guarda-roupa de encobrir,

Enfim... – casa movediça;

E um estrado de cortiça

Com dois coxins de cobrir. *(almofadas)*

A maior carga era,

Essas moças que vendia.

Dessa mercadoria,

Trago eu muita boa fé! (*)

[(*) Brízida Vaz traz consigo todos os apetrechos inerentes aos seus pecados que consistia em criar e fornecer meninas para os homens da época, em particular para os fidalgos e autoridades eclesiásticas.]

DIABO

Ora ponde aqui o pé...

BRÍZIDA

Ui! E vou é para o Paraíso!

DIABO

E quem te disse a ti isso?

BRÍZIDA

Hei de lá ir nessa maré!

Eu sou uma mártir tal!...

Açoites tenho levado, (*)

E tormentos suportado,

Que ninguém me foi igual.

Se eu fosse para o fogo infernal,

Lá iria todo o mundo!

À outra barca, lá ao fundo,

Me vou, que é mais real. *(relativo à realeza)*

[(*) As prostitutas e as suas “madames” recebiam efetivamente chicotadas como castigo da justiça quando era apanhadas e sentenciada pelos tribunais]

– *Chegando à Barca da Glória diz ao Anjo:* –

BRÍZIDA

Barqueiro, mano dos meus olhos,

Deita a prancha a Brízida Vaz.

ANJO

Eu não sei quem te cá traz...

BRÍZIDA

Peço-o de joelhos!

Pensais que trago piolhos,

Anjo de Deus, minha rosa?

Eu sou aquela preciosa

Que dava as moças aos molhos, *(em grandes quantidades)*

A que criava as meninas

Para os cónegos da Sé... *(padres e bispos)*

Passai-me, por vossa fé,

Meu amor, minhas boninas, *(margaridas, malmequeres)*

Olho de perlinha fina! *(pérola)*

Eu sou apostolada,

Angelada e maritizada

E fiz coisas muito divinas.

Santa Úrsula não converteu

Tantas raparigas como eu!

Todas salvas pelo meu *(por mim)*

E nenhuma se perdeu.

E graças "Àquele do Céu"

Que todas acharam dono.

Pensais que dormia sono?

Nem ponto se me perdeu! *(Nada me escapou à atenção)*

ANJO

Ora, vai além embarcar,

Ali não estarás a importunar.

BRÍZIDA

Pois estou-vos eu contar

O porque me haveis de levar.

ANJO

Não penses em importunar,

Que não podes vir aqui.

BRÍZIDA

E que má hora eu servi,

Pois não me há de aproveitar!...

– *Volta Brízida Vaz à Barca do Inferno, dizendo:* –

Ó barqueiros da má hora,

Venha a prancha, pois aqui me vou.

Já há muito que aqui estou,

E pareço mal estar cá fora.

DIABO

Ora entrai, minha senhora,

E sereis bem recebida;

Se vivestes santa vida,

Vós o sentireis agora...

Assim que Brízida Vaz embarcou, veio um Judeu, com um bode às costas; e, chegando ao batel dos danados, diz:

JUDEU

Quem aí vai? Ó marinheiro!

DIABO

Oh! Em que má hora vieste!...

JUDEU

De quem é esta barca que preste?

DIABO

Esta barca é do barqueiro.

JUDEU

Passai-me que vos pago em dinheiro.

DIABO

E o bode há cá vir?

JUDEU

Pois também o bode há de ir.

DIABO

Que escusado passageiro!

JUDEU

Sem bode, como passarei?(*)

[(*) O bode era o animal de sacrifício da religião judaica]

DIABO

Eu não passo cabrões.

JUDEU

Eis aqui quatro tostões,

E mais vos pagarei.

Pela vida do Semifará (*)

Peço-vos me passeis o cabrão!

Quereis mais outro tostão?

[(*) Nome Judeu, possivelmente o da própria personagem]

DIABO

Nem tu nem ele hão de vir cá.

JUDEU

Porque não irá o judeu

Onde vai Brízida Vaz?

E o senhor meirinho(*) consente?

Ó senhor meirinho, não irei eu?

[(*)Meirinho, era uma expressão para uma figura autoritária ligado aos oficiais da justiça e por conseguinte, à fidalguia. O Judeu apela pois à autoridade do Fidalgo que está na barca. Há aqui uma crítica velada, pois predominava a ideia, naquela altura, de que os Judeus, ricos, controlavam a justiça e escavam assim muitas vezes à justiça.]

DIABO

E o fidalgo, que lhe importa...

JUDEU

Não manda ele este batel?

CORREGEDOR, coronel,

Castigai este <u>sandeu</u>! *(tolo)*

<u>Azará</u>, pedra miúda, *(desgraçado)*

Lodo, charco, fogo, lenha,

Caganeira que te venha!

Má *corrença* que te acuda! *(diarreia)*

Por Deus, que te sacuda

Com a beca(*) nos focinhos!

Fazes gozo dos meirinhos?

Diz, filho da cornuda!

[(*)A beca é um tipo de veste, de uso característico dos juízes, têm sua origem nos trajes sacerdotais dos romanos]

PARVO

Roubaste a cabra, cabrão?

Parece-me vós, a mim,

Um gafanhoto de Almeirim

<u>Chacinado num seirão</u>. (morto numa festa)(*)

[(*) Gil Vicente trata esta figura com um grande anti-semitismo (ódio ao povo Judeu), sendo até repudiado pelo próprio Diabo, mas à época, tal como em muitas situações ao longa da história mundial, havia efetivamente um grande ódio contra o povo Judeu, incitado sobretudo pela igreja católica. O Judeu era sempre visto como uma pessoa de mau caráter, ganancioso, rico por ser

corrupto e fraudulento. O facto de um Judeu ter sido morto por uma multidão, em determinado sitio, seria algo possível de ter ocorrido]

DIABO

Judeu, ali te passarão,

Porque vão mais despejados. *(mais vazios, referindo-se à barca do paraíso)*

PARVO

Ele mijou nos finados *(nos mortos)*

Na igreja de São Gião! (*1)

E comia a carne da panela

No dia de Nosso Senhor! (*2)

Goza com o salvador,

E mija na caravela! (*3)

[(*) 1- Antigamente os mortos eram enterrados debaixo das lajes da igreja. 2 – Quer dizer que comia carne na sexta-feira santa em que diz a tradição se deve

fazer jejum ou não comer carne, não respeitando assim a doutrina católica. 3 – A "caravela" é a própria a igreja católica. Já na bíblica se diz que a igreja é um barco.]

DIABO

Vamos, vamos! Demos à vela!

E vós, Judeu, ireis à toa, (*)

Que sois muito ruim pessoa.

Levai o cabrão na trela!

[(*) Esta frase do Diabo tem dado azo a muito tipo de interpretação, porque Gil Vicente não deixou explicito o que queria dizer efetivamente. Diz o consenso geral que com isto o Diabo está a dizer que o Judeu é tão mau que vai para o inferno "à toa", ou seja", não na barca, mas a reboque: ou num outro barco mais pequeno, ou puxado por uma corda, conforme queiram traspor essa ideia para o palco. Outra interpretação diz que ele efetivamente entra dentro da barca já que "ir á toa" pode significar "ir de qualquer maneira" e a própria Brizida Vaz usa essa mesma expressão, num diálogo seu mais à frente, referindo-se a entrar mais alguém dentro da barca "à toa". Pode, no entanto significar que o Judeu é tão mau que nem direito tem a entrar na barca e que, tal como o rapaz da cadeira do Fidalgo, terá que "ir à toa", ou seja, terá que andar "a errar" (a vaguear) por ali. Esta última ideia não é assim tão descabida já que está associada ao mito do Judeu Errante, aquele que por castigo foi

negada a morte e a entrada, tanto no céu como no inferno e que anda a vaguear pelo mundo até ao fim dos tempos.]

Vem um Corregedor(*), carregado de manuscritos, e, chegando à barca do Inferno, com sua vara na mão, diz:

[(*) O corregedor era o magistrado (um juiz) administrativo e judicial que representava a Coroa em cada uma das comarcas de Portugal.]

CORREGEDOR

Ó da barca!

DIABO

Que quereis?

CORREGEDOR

Está aqui o senhor juiz?

DIABO

Oh amante de perdiz, (*)

Que gentil carga trazeis!

[(*)O Diabo goza com o corredor, pois perdiz é uma ave que se dizia usar como pagamento para subornar alguém, pedindo-lhe favores. Ao dizer que o corregedor é um apreciador de perdizes está a dizer que ele era um juiz que aceitava subornos]

CORREGEDOR

Pela minha aparência percebereis

Que não é ela do meu jeito. *(que não costumo levar carga)*

DIABO

Como vai lá o direito?

CORREGEDOR

Nestes autos, o vereis.

DIABO

Ora, pois, entrai. Veremos,

O que diz aí nesse papel...

CORREGEDOR

E onde vai o batel?

DIABO

No Inferno vos poremos.

CORREGEDOR

Como? À terra dos demos,

Há de ir um corregedor?

DIABO

Santo descorregedor,

Embarcai, e remaremos!

Ora, entrai, já que viestes!

CORREGEDOR

Non est de regulae juris, não!(*) *(Não isso está prescrito nas leis)*

[(*) Era costume as pessoas ligadas à justiça estudarem o latim pois as primeiras leis fundaram-se no direito romano e como tal o domínio do latim estava ligado à erudição. O povo da altura não tinha no entanto o latim como algo que lhes fosse completamente desconhecido pois as missas, a que se impunha que todos assistissem aos domingos, eram todas ditas em latim – um facto que só em meados de 1900 é que se abandonou. Por outro lado, o português arcaico da época era por si também ainda muito próximo do latim romano, por isso é que as frases e expressões latinas utilizadas entre o corregedor e o Diabo eram, à altura, compreendidas, mais ou menos bem, pelo público geral.]

DIABO

Ita, Ita! Dai cá a mão! *(sim, sim, em latim)*

Remaremos um remo destes.

Fazei conta que nascestes

Para ser nosso companheiro.

– *dirigindo-se ao companheiro diabrete* –

Que fazes tu, barzoneiro? *(preguiçoso)*

Estende essa prancha. Prestes! *(despacha-te)*

CORREGEDOR

Oh! Renego da viagem

E de quem me há de levar!

Há aqui meirinho do mar? *(Juiz ou magistrado)*

DIABO

Não há tal costumagem. *(costume)*

CORREGEDOR

Não entendo esta barcagem,

Nem hoc nom potest esse. *(E isso não pode ser.)*

DIABO

Ora se vos parecesse, *(se vós pensais)*

Que não sei mais dessa linguagem...

Entrai, entrai, corregedor!

CORREGEDOR

Oh! Videtis qui petatis *(Vede que pedis)*

Super jure magestatis *(algo acima do direito de majestade)*

Tem o vosso mando vigor?

DIABO

Quando éreis ouvidor

Nonne accepistis rapina? *(não aceitaste suborno?)*

Pois ireis agora à bolina *(à vela)*

Onde a nossa pessoa for...

Oh! E que isca é esse papel

Para um fogo que eu cá sei!

CORREGEDOR

Domine, memento mei! *(Senhor,(Deus) lembrai-vos de mim)*

DIABO

Non es tempus, bacharel(*)! *(Não há tempo, bacharel)*

Imbarquemini in batel *(embarcai no batel)*

Quia Judicastis malitia. *(que a justiça é maldita)*

[(*)"Bacharel" é um grau académico]

CORREGEDOR

Sempre ego justitia fecit. *(Eu sempre agi com justiça)*

DIABO

E as peitas dos judeus *(peitas = peitos das aves; subornos)*

Que a vossa mulher levava?

CORREGEDOR

Isso eu não o tomava. *(não era comigo)*

Eram lá percalços seus.

Nom som pecatus meus, *(não são meus pecados)*

Peccavit uxore mea. *(quem pecou foi a minha esposa)*

DIABO

Et vobis quoque cum ea, *(E vós também com ela)*

A Deus não temeste.

E de grande modo enriqueceste

Sanguinis laboratorum, *(com o sangue dos que trabalham)*

Ignorantis peccatorum. *(Pecaste, ignorando-os)*

Ut quid eos non audistis? *(E porque não os atendeste?)*

CORREGEDOR

Vós, barqueiros, nonne legistis *(não lestes)*

Que o dinheiro quebra os penedos? *(as montanhas)*

E que os direitos ficam quedos, *(parados; suspensos)*

Sed aliquid tradidistis... *(Se algo é dado em troca...)*

DIABO

Ora entrai, nestes negros fados!

Ireis para ao lago dos cães

E vereis os escrivães

Como estão tão prosperados. *(ricos)*

CORREGEDOR

E na terra dos danados

Estão os Evangelistas?

DIABO

Os mestres das burlas vistas

Estão lá bem fragoados. *(martelados – como era o metal na forja)*

Estando o Corregedor nesta conversa com o Arrais infernal chegou um Procurador(*), carregado de livros, e diz o Corregedor ao Procurador:

[(*) O procurador é um mandatário da Justiça, aqui a representar a classe dos advogado]

CORREGEDOR

Ó senhor Procurador!

PROCURADOR

Beijo-vos as mãos, Juiz!

Que diz este barqueiro? Que diz?

DIABO

Que sereis bom remador.

Entrai, bacharel doutor,

E ireis a dar à bomba. (*)

[(*) bomba de bombear, um mecanismo que retirava a água que entrava dentro dos barcos]

PROCURADOR

Este barqueiro zomba...

Gostais de ser gozador?

Essa gente que aí está,

Para onde a levais?

DIABO

Para as penas infernais.

PROCURADOR

Dix! Eu é que não vou para lá! *(uma interjeição de espanto)*

Outro navio ali está,

Muito melhor assombrado. *(de melhor aspecto)*

DIABO

Ora estás bem aviado!

Entra, em muito má hora!

CORREGEDOR

Confessastes-vos, doutor?

PROCURADOR

Bacharel sou. Não tive tempo!

Não pensei que era preciso,

Nem de morte a minha dor.

E vós, senhor Corregedor?

CORREGEDOR

Eu muito bem me confessei,

Mas tudo quanto roubei

Encobri ao confessor...

PROCURADOR

...Porque, se o não tornais, (devolveres)

Não vos querem absolver,

E é muito mau devolver

Depois que o apanhais. (de ter roubado)

DIABO

Pois porque não embarcais?

PROCURADOR

Quia speramus in Deo. *(Porque esperamos por Deus)*

DIABO

Imbarquemini in barco meo... *(Embarcai no meu barco)*

Para quê esperais mais?

Vão-se ambos ao batel da Glória, e, chegando, diz o Corregedor ao Anjo:

CORREGEDOR

Ó barqueiro dos gloriosos,

Passai-nos neste batel!

ANJO

Oh! Pragas para papel,

E para as almas odiosos!

Como vindes preciosos,

Sendo filhos da ciência!

CORREGEDOR

Oh! habeatis clemência *(tende clemência)*

E passai-nos como vossos!

PARVO

Ó, homens dos breviário, *(livros)*

Rapinastis coelhorum *(vós rapinaste coelho)*

Et pernis perdigotorum *(e pernas de perdiz)*

Para além de mijar nos campanários!

CORREGEDOR

Oh! Não nos sejais contrários, *(não seja mau, ou não nos complique mais a situação)*

Pois não temos outra ponte!

PARVO

Beleguinis ubi sunt?(*1) *(onde estão os carcereiros)*

Ego latinus macairos!(*2) *(o meu latim é macarrónico/maravilhoso!)*

[(*) 1- Beleguins eram os oficiais da Justiça. Juane, o Parvo, está a reivindicar que alguém venha prender aqueles dois. 2 - Frase cómica, dirigida provavelmente ao público porque o seu latim é uma grande trapalhada.]

ANJO

A justiça divinal

Manda-vos vir carregados

Porque têm de ser embarcados

Naquele batel infernal.

CORREGEDOR

Oh! Não atende São Marçal!

Com a ribeira, nem com o rio! (*)

Penso que é desvario

Fazer-nos tamanho mal!

[(*) Diz o corregedor que São Marçal não encontra aquele sitio para lhes atender as preces e os salvar]

PROCURADOR

Que ribeira é esta tal!

PARVO

Pareces-me vós a mim

Como um cagado nebri, (*1)

Mandado no Sardoal.

Embarquetis in zambuquis! (*2) *(embarcai na má barcaça - tradução provável)*

[(*) 1 – O Parvo continua a fazer o seu papel de denunciador daqueles que aparecem junto à barca do paraíso, chegando inclusive a dizer de onde é que eles vêm e ofendendo-os com isso. "nebri" é uma palavra da falcoaria, que se refere ao falcão-nebri. "cagado nebri" é pois um insulto. "uma ave de rapina cagada, ou seja, mal feita" que vinha das terras do Sardoal. 2 - mais uma frase humorística, a tentar imitar o latim, mas sem o conseguir.)]

CORREGEDOR

Venha a negra prancha para cá!

Vamos ver esse segredo.

PROCURADOR

Diz um texto do Degredo...

DIABO

Entrai, que cá se dirá!

E assim que os dois entraram dentro no batel dos condenados, disse o Corregedor para a Brízida Vaz, porque a conhecia:

CORREGEDOR

Oh! Em má hora vos vejo,

Senhora Brízida Vaz!

BRÍZIDA

Já nem aqui estou em paz,

Pois nem aqui me deixais.

Cada hora a mim sentenciada:

«Foi justiça que vós mandastes fazer....» (*)

[(*) Brízida com estas palavras queixa-se de que em vida fartava-se de ser perseguida pela lei e que fora sentenciada muitas vezes pelo Corregedor]

CORREGEDOR

E vós... volta a tecer

E a urdir outra meada.(*)

[(*) E responde o corregedor que Brizida voltava sempre a fazer o mesmo, apesar das sentenças que lhe eram dadas]

BRÍZIDA

Diz ó, juiz da alçada:

Vem lá o Pêro de Lisboa? (*)

Levá-lo-emos à toa

E irá também nesta barcada.

[(*) O “Pêro de Lisboa”, dizem os historiadores que era um escrivão muito conhecido na altura em Lisboa pela má fama. É pois uma paródia dirigida a uma figura da época que já lhe apontava o inferno como destino final]

Vem um homem que morreu Enforcado, e, chegando ao batel dos mal-aventurados, diz o barqueiro ao que chega:

DIABO

Vamos embora, enforcado!

Que diz lá o Garcia Moniz? (*)

[(*)Figura provavelmente conhecida à época, cuja identidade é hoje desconhecida e dada a muita suposição. Seria alguém importante na corte portuguesa]

ENFORCADO

Eu te direi que ele diz:

Que fui bem-aventurado

Em morrer dependurado *(pendurado)*

Como o tordo na buiz, *(armadilha)*

E diz que os feitos que eu fiz

Me fazem canonizado. *(me fazem santo)*

DIABO

Entra cá, e governarás *(guiarás o barco)*

Até às portas do Inferno.

ENFORCADO

Não é essa a nau que eu quero.

DIABO

Digo-te eu que aqui irás.

ENFORCADO

Oh! Isso não, por Barrabás! (*)

Então se Garcia Moniz dizia

Que os que morrem como eu

Ficam livres de Satanás...

[(*)O criminoso que foi libertado no lugar de Cristo a pedido da população enraivecida]

E disse que Deus quisera

De ser eu enforcado;

E que fosse Deus louvado

Pois em boa hora eu nascera;

E que o Senhor me escolhera;

E que por bem vi os beleguins. *(pelo seu bem, foi levado aos oficiais da justiça)*

E com isto mil latins,

Muito lindos, feitos de cera. (*)

[(*) Mil latins serão os discursos jurídicos e religiosos, de cera serão as velas. Para o enforcado, um condenado simplório, faz tudo parte da mesma coisa]

E, no passo derradeiro,

Disse-me nos meus ouvidos

Que o lugar dos escolhidos

Era a forca e o Limoeiro; (*)

[(*) O Limoeiro era uma prisão da altura em Lisboa com a reputação de ser muito dura.]

Nem guardião do mosteiro

Tinha tão santa gente

Como o Afonso Valente

Que é agora carcereiro.

DIABO

Dava-te consolação isso,

Ou algum esforço? (*)

[(*)Pergunta o Diabo ao Enforcado se aqueles suplícios que passara na prisão, mais as rezas de penitência, lhe valeram de alguma coisa. O Diabo pergunta isto, como já se verá, para saber se o enforcado morreu arrependido dos seus pecados e se o seu sofrimento lhe serviu de expiação dos males que antes cometera e se encontrou salvação da sua alma através das palavras das rezas.]

ENFORCADO

Aquele com a corda ao pescoço,

De muito pouco serve a pregação...

E apenas leva a devoção

De que há de voltar a jantar...

Mas <u>quem há de estar no ar</u> *(há de ser pendurado pela forca)*

Aborrece-se com o sermão.

DIABO

Entra, entra no batel,

Que ao Inferno hás de ir!

ENFORCADO

O Moniz esteve a mentir?

Disse-me que com São Miguel

Eu jantaria pão e mel

Assim que fosse enforcado.

Ora, eu já passei o meu fado,

E já feito é o burel.*(*) (e já passei o que tinha a passar)*

[(*) Burel era um tecido de artesanal feito de lã. "Já é feito o burel" era uma expressão utilizada para dizer que "o trabalho já está feito ou cumprido" ou "já se fez o que se tinha a fazer"]

Agora não sei o que é isto:

Ele não me falou ele em ribeira,

Nem em barqueiro, nem em barqueira,

Apenas no Paraíso.

Isto muito no seu juízo.

E que era santo o meu baraço... *(era abençoada a minha corda)*

Eu não sei que aqui faço:

Que é desta glória improviso? *(que espécie de glória é esta?)*

DIABO

Falou-te no Purgatório?

ENFORCADO

Disse que era o Limoeiro, *(que o purgatório era a prisão)*

E com ele o saltéiro *(o livro de salmos)*

E o pregão vitatório; *(o discurso que se dizia antes de se enforcar alguém)*

E que era muito notório

Que aqueles disciplinados *(aqueles castigos)*

Eram horas dos finados *(eram bênçãos para os condenados)*

E missas de São Gregório.

DIABO

Quero-te desenganar:

Se o que tivesses aceitado,

Certo era que te salvavas.

Mas não o quiseste aceitar... *(*)*

[(*) Diz o Diabo que se os tormentos e as rezas, que o Enforcado levou na prisão, lhe tivessem servido como expiação dos seus pecados, ter-se-ia salvado. Mas como não levou os castigos as rezas a sério para pedir perdão pelos erros do passado, vai para o inferno.]

– *Diz o Diabo para todos os que estão dentro do seu barco* –

Alto! Todos a alevantar,

Que está em seco o batel!

Alevante-se, Frei Babriel!

Ajudai ali a apanhar! (*)

[(*) O Diabo repara que a maré está a abaixar e quer pôr todos a trabalhar para se ir embora, dá ordens em especifico ao Frade]

Vêm Quatro Cavaleiros a cantar, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrescentamento de Sua santa fé católica morreram a lutar contra os mouros. Absoltos a culpa e pena como privilégio que os que assim morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por Quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assim cantavam é a seguinte:

CAVALEIROS

À barca, à barca segura,

Barca bem guarnecida,

À barca, à barca da vida!

Senhores que trabalhais

Pela vida transitória,

Memória, por Deus, memória *(lembrai-vos, por Deus, lembrai-vos)*

Deste temeroso cais!

À barca, à barca, mortais,

Barca bem guarnecida,

À barca, à barca da vida!

Cuidado, pecadores, que,

Depois da sepultura,

Neste rio está a ventura *(o destino)*

De prazeres ou de dores!

À barca, à barca, senhores,

Barca muito nobrecida, *(nobre)*

À barca, à barca da vida!

E passando à frente da proa do batel dos danados, assim a cantar, com suas espadas e escudos, disse o barqueiro da perdição desta maneira:

DIABO

Cavaleiros, vós passais

E não perguntais para onde ireis?

1º CAVALEIRO

Vós, Satanás, que presumis?

Cuidado com quem falais!

2º CAVALEIRO

Vós que nos querereis?

Vejo que não nos conhece bem:

Nós morremos nas Partes d'Além,

E não queirais saber mais.

DIABO

Entrai cá! Que coisa é essa?

Que eu não consigo entender isso!

CAVALEIROS

Quem morre por Jesus Cristo

Não vai em tal barca como essa!

Voltam a prosseguir, cantando, no seu caminho direitos à barca da Glória, e, assim que chegam, diz o Anjo:

ANJO

Ó cavaleiros de Deus,

Por vós estou a esperar,

Que morrestes a lutar

Por Cristo, Senhor dos Céus!

Sois livres de todo mal,

Mártires da Santa Igreja,

Que quem morre em tal peleja *(luta)*

Merece a paz eternal.

E assim embarcam.

FIM